



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

HAMILCAR SILVEIRA DANTAS JUNIOR

(depoimento)

2016

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA



Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E-653

Entrevistado: Hamilcar Silveira Dantas Junior

Nascimento: 20/05/1972

Local da entrevista: LABOMIDIA – Universidade Federal de Sergipe

Entrevistadora: Christiane Garcia Macedo

Data da entrevista: 18/01/2016

Transcrição: Juliana Prado Cros

Copidesque: Christiane Garcia Macedo

Pesquisa: Christiane Garcia Macedo

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 30 minutos e 55 segundos

Páginas Digitadas: 12 páginas

Observações:

O entrevistado realizou algumas alterações após a leitura da entrevista transcrita.

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Christiane Garcia Macedo intitulada *Centros de Memória da Educação Física e dos Esportes nas Universidades Federais*.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Formação acadêmica do entrevistado; Envolvimento com o Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer (CEMEFEL); Dificuldades enfrentadas no CEMEFEL; Pesquisa histórica na Universidade Federal do Sergipe; Pesquisadores envolvidos; Simpósio de História; Acervo; Apoio da Universidade; Financiamentos; Bolsistas; Circulação das Pesquisas; Ciências da Informação; Espaços de Memória na Universidade; Definição do CEMEFEL; Discussões metodológicas; Palavras Finais.

Porto Alegre, 18 de janeiro de 2016. Entrevista com Hamilcar Silveira Dantas Junior a cargo da pesquisadora Christiane Macedo para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.M. – Professor primeiro lugar: muito obrigada. É fundamental sua entrevista para o meu trabalho e eu queria que você começasse contando como foi a sua formação da graduação?

H.D. – Bom, eu sou originário aqui da Universidade Federal de Sergipe. Fiz o curso de licenciatura em Educação Física e um ano depois de formado prestei concurso para a área de desporto coletivo. Na época ainda se exigia só a graduação e fui aprovado e depois fiz o mestrado em Educação, também na Universidade Federal de Sergipe, já na linha de História da Educação. Meu trabalho foi sobre a pedagogia experimental na Educação Física em Sergipe na década de 1940 e 1950. Depois fui fazer o doutorado na Universidade Federal da Bahia em Educação, mas também na história da Educação Física com estudos sobre os Jogos da Primavera no estado de Sergipe, que são os jogos que demarcam pelo menos o que é a forma como a Educação Física se manifesta no seio escolar em Sergipe, os jogos são demarcadores disso. E desde 2008 foi quando eu concluí o doutorado e retornei. Continuo trabalhando na área de História da Educação Física e na de Desporto Coletivo, então essa é a minha trajetória. Passei um tempo no Programa de Mestrado em Educação, mas no momento me desvinculei porque agora, por esses percalços da pós-graduação, desde 2006 no doutorado, travei contado com o grupo da história lá na Universidade Federal da Bahia e com cinema. Sempre fui cinéfilo, mas sempre fui um pouco acadêmico e desde então, eu agora resolvi: “Vou lidar com coisa que eu gosto” e aí a gente está abrindo agora um mestrado interdisciplinar em cinema e um grupo de professores da filosofia, da antropologia, da educação física, a gente está por essa via também.

C.M. – Como você se envolveu com o CEMEFEL¹?

H.D. – Então, pela minha lida com a história, em disciplinas e no mestrado e pela lida de outros professores com isso, no caso o professor José Américo Santos Menezes e o

¹ Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer da Universidade Federal de Sergipe.

professor Sérgio Dorenski². Sérgio apesar de ser do Estudo de Mídia, mas ele acabou lidando com arquivos históricos para reconstituição dos clubes de fábrica, o Confiança³, daqui. A gente sempre teve esse desejo de organizar as fontes da Educação Física e do Esporte em Sergipe, mas nos faltava, na verdade, escopo teórico e institucional para dar conta disso, ficou sempre na vontade, era sempre grupo de pesquisa, mas não um centro de memória. Quando eu fui para o doutorado em 2005 e aí no contato ainda com o Américo e Sérgio, disseram: “Olha Hamilcar, a gente vai começar tentar formar o centro de memória, a gente ainda não tem nada, vamos ter o nome primeiro e aí se tem o grupo de pesquisa que lida com história da educação física do esporte em Sergipe, mas a gente não tem centro de memória”. O fato é que existe muita documentação do Departamento e que estava jogada lá numa sala do Departamento, não estava nem no cuidado de catalogação desse material principalmente do Departamento, do colegiado de curso, dos colegiados de curso. Eles disseram: “Então a gente vai tentar montar o CEMEFEL”. E aí eles em 2006 eu estava no doutorado, conseguiram aprovar o Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer de Sergipe, mas na verdade era só a intenção, no caso fisicamente não tinha estrutura ainda. Esse espaço que nós estamos hoje que é a sala do LABOMIDIA⁴, são quatro salas hoje, era uma única sala que era a sala de reuniões do Departamento e aí com as necessidades, grupos de pesquisas surgiam, novos professores chegando, essa sala foi dividida em quatro e uma dessas salas era somente um depósito de retro-projetores e depósito por depósito vamos colocar um depósito acadêmico e aí o José Américo e Dorenski solicitaram em 2008, eu estava retornando, essa primeira sala, é uma sala pequena de quatro ou cinco metros quadrados para ser a sede do Centro de Memória da Educação, do Esporte e do Lazer de Sergipe, que a gente chamou de CEMEFEL e solicitamos ao chefe do Departamento que trouxesse toda a documentação do Departamento, que já era considerado arquivo morto, para o CEMEFEL e aí então atas, documentações, ofícios todos do Departamento estão localizados no CEMEFEL. Mas nos faltava também essa *tarimba*⁵ para lidar com essa documentação. Então a primeira a ideia era de um grupo de pessoas que estudavam história e que sentiam a necessidade de organizar, catalogar o material, mas que não sabiam como. Então a primeira ideia era criar o centro de memória e depois tentar organizar. Esse foi o primeiro passo.

² Sérgio Dorenski Dantas Ribeiro.

³ Associação Desportiva Confiança.

⁴ Laboratório e Observatório da Mídia Esportiva

C.M. – E por que você se envolveu? Por que pegar esse trabalho?

H.D. – Passamos para tentar operacionalizar o centro. Eu retorno em 2008, sai o Edital Universal do CNPQ⁶ e sai o Edital da Rede CEDES⁷, isso início de 2009 chega uma outra professora, a professora Priscilla Kelly Figueiredo, hoje está fazendo o Doutorado na Universidade Federal de Minas Gerais. Ela também é da área de História e Priscilla acabou agregando ao grupo. Eu escrevi um projeto na Rede CEDES que era de origem do curso de Educação Física na Universidade Federal de Sergipe, esse projeto foi aprovado e tinha bolsa para dois estudantes e uma verba para compra de material. No mesmo período eu me inscrevi em um Edital Universal do CNPQ. Um estudo sobre as origens do esporte em Sergipe, na primeira década do século XX, nos primeiros clubes de regatas em Sergipe, que também foi aprovado e com uma verba específica para compras de equipamentos também. E aí a gente foi tentar: “Bom, agora a gente tem dinheiro vamos ver como a gente operacionaliza o espaço”. Os dois bolsistas da Rede CEDES, eles começaram a fazer o processo de catalogação dessa documentação do DEF⁸ e foi esse trabalho que a gente encaminhou a Rede CEDES ao final, as origens do Departamento a partir da catalogação da documentação. Foi um período de pouco menos de um ano eles conseguiram vencer uma boa parte, mas não esgotaram o trabalho e a gente comprou equipamento para o Centro de Memória a partir do dinheiro do CNPQ, que vinha para o pesquisador. Então a gente comprou os dois computadores, a impressora, câmera fotográfica, “*datashow*”, *notebook* e tal e esse é o material que a gente tem disponível para trabalhar, para fazer pesquisa e tal. E montar o núcleo, o Centro de Memória. O desdobramento seguinte era continuar com o processo de catalogação para que o grupo saísse... porque apesar de ter o nome Centro de Memória era apenas o grupo de pesquisa com o nome Centro de Memória... para que ele saísse desse momento de grupo de pesquisa e se tornasse um Centro de Memória, ou seja, um espaço de pesquisa, de visitação, de análise de documento e tal. Para isso a gente precisava terminar esse processo de catalogação. E aí acontece um problema sério com a Universidade, onde eu me afasto. Essa verba da Rede CEDES que era empenhada, ela chega em junho, ela é empenhada, é liberada a verba para o pagamento

⁵ Expressão que significa saber como fazer.

⁶ Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

⁷ Rede do Centro de Desenvolvimento do Esporte Recreativo e do Lazer.

dos bolsistas e toda a verba de aquisição de documento de material: computadores, câmeras, gravadores e tal, essa verba fica retido para licitação. Quando chega em outubro eu vou lá para saber da licitação, não tinha sido feita, o dinheiro ia ser devolvido, porque até hoje não tinha sido feita. Bom, uma confusão grande, me irritei bastante com a Universidade, com a ineficiência e tal a ponto da mulher do Departamento de Divisão de Material e Registros dizer: “Mas professor nós temos uma série de processos que não damos conta, tem processos aqui de aquisição de material de um milhão”. “O meu é só doze mil, mas faz uma diferença. Preciso muito desses doze mil para comprar o materialzinho da minha sala que é bem pequeninha”. Então esse dinheiro voltou, da Rede CEDES ficou só o dinheiro dos bolsistas, a gente pagou os meninos e tal. E isso me irritou profundamente. Eu digo: “Priscilla, estou me retirando porque institucionalmente não tenho mais estômago para lidar com isso”. Alguns diriam: “Pô, na primeira dificuldade você caiu fora”. Eu digo: “Bom, é como cada um sabe lidar com as coisas”. E aí, bom, esse processo parou de catalogação de fontes entramos no segundo passo institucional que era: a Universidade começa a receber dinheiro do REUNI⁹ para construção de espaços e uma das reivindicações do Departamento de Educação Física era a construção de um prédio para abrigar agora os nascentes grupos de pesquisas, com a chegada de novos professores, os novos grupos de pesquisa foram sendo montados. Em 2011 é criado o primeiro mestrado em Educação Física e acabou que a Universidade foi protelando e nunca nos deu esse suporte. Uma das coisas que a gente reivindicava era que Centro de Memória tivesse uma sala do grupo de pesquisa e uma sala para o Centro de Memória, uma sala condizente para armazenamento de documento, para ser um espaço em que você pudesse guardar a documentação, pudesse ser analisada a documentação, ou seja, o grupo tinha uma característica diferenciada, precisava desse espaço. O espaço nunca veio institucionalmente e acabou que a gente continuou restrito a esse espaço. Pode-se pensar que são questões de força política, mas o próprio mestrado ele continua sendo em uma salinha. Assim como o Centro de Memória é itinerante, são as pessoas que vão por aí e fazem o Centro de Memória, o mestrado também são pessoas carregando o *piano* e fazendo o mestrado acontecer. E aí acabou que o Centro de Memória continua sendo um espaço restrito ao grupo de pesquisa. Ele não se configura objetivamente como um espaço com documentação catalogada, armazenada e disponível para pesquisa porque ele ainda não

⁸ Departamento de Educação Física.

⁹ Reestruturação e Expansão das Universidades Federais.

reúne as condições objetivas para isso. Então é como se fosse uma salinha de grupo de pesquisa, com um monte de documentação armazenada. A gente começou a pensar na ideia a partir da Silvana¹⁰ que veio para cá na 4ª Semana de Educação Física da gente, a ideia era discutir sobre Centros de Memória, o resgate da História da Educação Física e do Esporte no Brasil e uma das sugestões de Silvana era as coleções dos professores. A gente recebeu uma primeira doação do professor Félix D'Ávila, que é dos professores fundadores do curso e ele chamou o professor Pedro Jorge¹¹, que é professor daqui do Departamento, disse: “Pedro Jorge, tem um monte de livro aqui meu, que eu vou jogar fora, você quer?” e aí o Pedro Jorge me ligou e disse: “Halmicar, eu tenho um monte material que o professor Félix vai jogar fora”. E eu: “Não, leva para a gente”. E aí a gente separou, tem uma estante inteira ali, que é do material do professor Félix D'Ávila que também não está catalogada, porque a gente não tem um espaço. O professor Jurinha Lobão¹², que também foi professor do Departamento faleceu em 2007, ele deixou toda a biblioteca dele para a Universidade. Esse material todo se encontra na Biblioteca Central da UFS¹³ e a diretora chegou para mim e disse: “Hamilcar, você tem um espaço para isso?”. Eu digo: “Olha, espaço nós não temos, nós temos o Centro de Memória que é para isso. A gente quer a coleção do professor Jurinha”. E disse: “Mas você não tem espaço não?” “Não, não tenho espaço”. Falou: “Então, não eu vou dar para vocês”. Aí ela me mostrou que está tudo guardado numa sala reservada na Biblioteca Central, mas nem lá tem acesso, nem a gente tem acesso. Então isso não trouxe o material do professor Jurinha Lobão para cá, porque nós não temos um espaço condizente para ser um Centro de Memória. Então ele continua muito mais na intenção, fisicamente ele existe, mas ele ainda não tem a estrutura necessária para ser compreendido como Centro de Memória.

C.M. – Professor, desse período bem da criação do CEMEFEL como estava a pesquisa histórica aqui na Universidade Federal de Sergipe?

H.D. – Então a pesquisa histórica é geralmente restrita a mestrados, doutorandos e alunos de graduação. Assim como o Centro de Memória, a pesquisa histórica acabou sendo

¹⁰ Silvana Vilodre Goellner.

¹¹ Pedro Jorge Moraes Menezes.

¹² Luiz Roberto Aragão Lobão, que era conhecido como Jurinha Lobão, apelido da época de atleta que permaneceu durante a vida acadêmica.

¹³ Universidade Federal de Sergipe.

itinerante, porque depende do professor que orienta... O José Américo¹⁴ orientou alguns, eu orientei algumas, o professor José Tarcisio Grunnenvaldt, hoje está na Universidade Federal do Mato Grosso, também orientou pesquisas e elas vêm sendo desenvolvidas, eu no 3º Simpósio de História da Educação Física e do Esporte da Universidade Federal de Sergipe que aconteceu em 2011, fiz um levantamento de estudo mas tínhamos mais de cinquenta trabalhos que passeavam pela Educação Física e esporte pelo viés da História. Isso aí desde artigos, a monografias, dissertações e teses. Então ele vem sendo realizado, mas muito mais por esforço de grupos de pesquisa, do que propriamente por um espaço condizente para essa realização.

C.M. – Teve algum outro pesquisador, você citou a Silvana, mas teve outros professores ou pesquisadores de fora que ajudaram também nesse processo?

H.D. – Na constituição do Centro de Memória em si não, mas como a gente começou a pensar isso a partir de 2009, a partir de 2008 a gente começou a realizar o Simpósio de História da Educação Física e do Esporte em Sergipe e aí de lá já vieram o professor Victor Melo¹⁵, professor Marco Tabora de Oliveira¹⁶ e a Silvana foram esses três professores que nos deram suporte nesse diálogo com a história. Mas suporte logístico para a constituição de um centro não, porque a gente nem tem espaço para isso.

C.M. – Vocês chegaram a fazer alguma exposição, alguma atividade de exposição?

H.D. – Não, exceto os simpósios que acabaram sendo um espaço para os alunos também apresentarem seus trabalhos de pesquisa histórica.

C.M. – Esse simpósio é tocado pelo CEMEFEL?

H.D. – Era, era tocado por mim sozinho. Aí com a chegada da Priscilla no 2º Simpósio, a gente conseguiu realizar mais três simpósios basicamente tocados por mim e Priscilla e os

¹⁴ José Américo Santos Menezes.

¹⁵ Victor Andrade de Melo.

¹⁶ Marcus Aurélio Tabora de Oliveira.

outros colegas que sempre davam o suporte que é o Sérgio Dorenski¹⁷, Fábio Zoboli, Cristiano Mezzaroba, que são colegas aqui do Departamento não vinculados diretamente a pesquisa histórica, mas sempre nos dão o suporte para pesquisas dessa natureza. A gente conseguiu realizar cinco Simpósios de História da Educação Física e do Esporte para tentar dar vazão a esses meninos que estavam produzindo e também chamar atenção de outros interessados em pesquisa histórica.

C.M. – O acervo que vocês têm hoje, ele é basicamente só do Departamento ou vocês têm alguma coisa de fora da Universidade?

H.D. – Não, hoje o acervo é basicamente do Departamento e de coleções de professores. Aí no caso são livros do professor Félix D’Avila e alguns livros doados ao CEMEFEL por professores. Aí eu, o Sérgio Dorenski, o José Américo a gente foi doando alguns livros, a gente tem uma bibliotecazinha basicamente são de doações de professores, mas documentação basicamente são documentos da Universidade Federal de Sergipe, do Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe.

C.M. – E tem algum acervo de vestuário, objetos?

H.D. – Não, basicamente documentação oficial.

C.M. – Fotografias?

H.D. – Fotografias nós temos as que o Departamento nos cedeu. Professor Pedro Jorge de Moraes Menezes, na época que estava na chefia, tinha umas fotografias do final da década de 1970, início dos anos 1980, que o curso surge em 1974, mas acontecia fora do campus, porque ainda não existia o campus, a cidade universitária. Em 1980 o Departamento de Educação Física é o que inaugura o campus, era o único departamento no campus, e aí nesse processo de transição entre as aulas que aconteciam no centro da cidade, nos ginásios e piscinas do centro, e quando vieram para cá, essas fotos estão disponíveis do Departamento.

¹⁷ Sérgio Dorenski Dantas Ribeiro.

C.M. – Em algum momento dessa sua participação do CEMEFEL, Universidade deu algum apoio ou reconhecimento ao trabalho?

H.D. – Nenhum.

C.M. – E em relação a sua carga horária, a sua dedicação ao Centro de Memória isso de alguma forma teve redução de carga horária ou uma liberação?

H.D. – Absolutamente nenhuma.

C.M. – Apoio financeiro também?

H.D. – Tivemos do CNPQ e da Rede CEDES que eram basicamente em pesquisas, eram pesquisas o qual eu era o coordenador e que eu revertia o material adquirido para o CEMEFEL. Mas não foi financiamento para o Centro de Memória.

C.M. – E a equipe de trabalho, você falou de dois bolsistas nesses projetos, depois vocês conseguiram mais bolsistas?

H.D. – Não, todos que a gente conseguiu foram estudantes de graduação fazendo uma monografia que utilizavam o espaço, como um espaço para a pesquisa, mas basicamente bolsistas para a organização do Centro de Memória nunca mais¹⁸.

C.M. – E desse envolvimento desse grupo, vocês têm realizado pesquisas? Como vocês tem feito a circulação dessas pesquisas?

H.D. – Basicamente nos congressos da área, no Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, que é o CONBRACE. Priscilla e eu temos apresentado no GTT de Memória¹⁹ e no Encontro de História do Esporte, Encontro Brasileiro de História do Esporte.

¹⁸ Os bolsistas do Projeto da Rede CEDES: Filipe Alves Linhares e Valdione Evangelista Alves Santos.

¹⁹ Grupo de Trabalho Temático Memória da Educação Física e Esporte.

C.M. – Em algum momento vocês fizeram contato com o pessoal da Arquivologia, da Biblioteconomia?

H.D. – Priscilla fez, inclusive o Augusto da Silva, que é professor do Departamento de História, especialista na área de arquivo, ele ministrou um curso para nós sobre essa questão, mas foi basicamente isso o único momento que a gente teve de contato. Aí foi onde aconteceu todo o desestímulo, com a falta de apoio para a construção do Centro e aí acabou que a gente parou com o andar da catalogação do material para se dedicar basicamente as pesquisas. Por isso que eu reforço, é basicamente um grupo de pesquisa com o nome de Centro de Memória, é um local onde tem material, mas ainda não está separado como um espaço de pesquisa, como um material para ser pesquisado, por estar catalogado e organizado.

C.M. – A Universidade tem algum outro espaço de memória? Tem museus?

H.D. – Não, a Universidade em si ela tem o Museu Arqueológico do Xingó, dá sustentação dos museus arqueológicos de Xingó e dá apoio, por exemplo, ao Museu da Gente Sergipana, mas não tem um espaço específico de visitação, aí os espaços são basicamente de pesquisas, são os arquivos mesmo dos Departamentos e o Arquivo Central da Universidade Federal de Sergipe, mas que também é um arquivo sem nenhum tipo de organização e preparação para pesquisa acadêmica.

C.M. – Têm acontecido intercâmbios com outros centros de memória ou nos eventos de pesquisadores que vem aqui ou de pesquisadores daqui que consultam outros centros?

H.D. – Basicamente a Priscilla que está nesse processo de doutoramento na Universidade Federal de Minas Gerais que está nesse processo de intercâmbio. Porque ela está trabalhando com a Meily Linhales²⁰ lá na Universidade Federal de Minas Gerais, ela é orientanda do Taborba, mas está trabalhando com a Meily lá no Centro de Memória. Então

²⁰ Meily Assbú Linhales.

é alguém que pode ter um retorno, ter um *know how* maior, ter algo melhor na lida com o Centro de Memória, mas nenhum trabalho específico de intercâmbio não.

C.M. – Professor, você já definiu que é um grupo de pesquisa, mas o que o CEMEFEL representa na sua trajetória?

H.D. – Entre intenção e gesto a distância é grande, já diria Chico Buarque²¹. Eu não sei até que ponto hoje eu consigo mais transitar com a pesquisa histórica, além da orientação com os acadêmicos. Me parece que a falta de apoio institucional me deu um desestímulo muito grande, uma “brochada” grande nesse aspecto de desejo, de ver acontecer um Centro de Memória. Reconheço a necessidade, a emergência disso, mas eu não enxergo no horizonte hoje, da Universidade Federal de Sergipe, a perspectiva da constituição de um espaço condizente com a realização de um Centro de Memória. Nesse contexto o Centro de Memória se tornou muito mais uma intenção minha, do professor Américo, do professor Sérgio e hoje da professora Priscilla que precisa de um fôlego novo, mas que hoje sinceramente eu não sei se tenho. Isso também por hoje estar lidando com outros tipos de programa de pós-graduação. Então a paixão pela pesquisa histórica continua me alimentando, mas a relação institucional acaba me impedindo de seguir adiante com o Centro de Memória. Então talvez com o retorno de Priscilla, agora no segundo semestre de 2016, a gente consiga estabelecer uma nova retomada no diálogo e na constituição do Centro, talvez com o *know how* que ela tem, que eu nunca tive, a gente consiga dar uma guinada na história do Centro de Memória.

C.M. – Uma coisa que eu acabei não perguntando... As discussões das novas metodologias, não tão novas mais, de história oral, das discussões teóricas mais de história cultural, da nova história cultural, influenciaram nas pesquisas de vocês?

H.D. – Em alguns aspectos sim. Aí é uma questão de ordem metodológica do ponto de vista da história, eu venho de uma tradição de certa ortodoxia marxista e que tende a dar uma flexibilizada pelos meus contatos com a leitura de Thompson²². E aí acabou que hoje lido com uma história cultural de caráter “Thompsoniano” que me possibilita a lidar com

²¹ Francisco Buarque de Holanda.

²² Edward Thompson.

outros aspectos, a gente vem lidando com isso ou lidou com isso durante alguns anos nesses processos de formação, durante a Semana de Educação Física, do Simpósio de História, a gente estava sempre com cursos sobre os paradigmas da história, sobre história oral. Vira e mexe a gente tinha cursos ministrados ou por nós mesmos ou por professores da história para os acadêmicos lidarem com isso. Tinha uma grande intenção primeira que era começar um grande projeto de história oral, dos professores fundadores do curso. Porque como foi de uma geração da década de 1970 e 1980 e que engatinhava a pesquisa histórica, engatinhava a pesquisa acadêmica em Educação Física, eram muito mais sujeitos que fizeram acontecer, do que sujeitos que publicaram. Então esses sujeitos tiveram uma participação importantíssima na configuração da Educação Física no Estado, mas não eram acadêmicos. Eram sujeitos que trabalhavam muito, eles eram professores do curso de educação física, ministravam a Educação Física obrigatória para todos os cursos e ainda eram professores do Colégio de Aplicação, eram professores de quase quarenta horas de aulas semanais. Então não eram acadêmicos, eram docentes mesmo, então esses sujeitos não deixaram muita coisa escrita. E aí José Américo fez isso na dissertação dele, mas basicamente localizada com a história do Departamento, tanto da origem do Departamento, mas a gente tem um interesse grande de fazer uma pesquisa ampla com eles sobre a história da educação física e do esporte no estado de Sergipe e a participação deles. Mas isso continua na intenção, a gente não tem de novo o espaço condizente para a gente fazer esse tipo de pesquisa. Então esses recursos de cursos, de lida com novas correntes teóricas, isso vem acontecendo, até porque a gente vai agregando professores sobre outras perspectivas. Priscilla principalmente é alguém que já vem de uma corrente da nova história cultural diferenciada, então ela já tem um fôlego diferente em relação às correntes teóricas com as quais eu já lidava, então isso vai agregando nesse grupo de pesquisa.

C.M. – Professor, tem mais alguma coisa que você gostaria de registrar?

H.D. – Não, só registrar novamente esse aspecto de que o Centro de Memória hoje tem o nome de centro de memória, mas ele ainda é uma intenção. Ele basicamente é um grupo de pesquisa com correntes diferentes, com gente trabalhando sobre perspectivas diferentes, dentro ainda da pesquisa histórica, mas que ainda não se consolidou como um espaço de catalogação, de disponibilização de fontes para pesquisa, isso ainda continua com intenção que tomara que se realize.

C.M. – Então está bom professor. Agradeço muito.

H.D. – Por nada.

[FINAL DA ENTREVISTA]